

Indústria Metalmeccânica

Produção sustentável abre mercados para a indústria

Polo metalmeccânico reúne 4,5 mil empresas em Caxias do Sul e região

Eduardo Torres

Se os eventos climáticos de maio soaram o alarme de todos os setores do Rio Grande do Sul sobre o potencial devastador das mudanças climáticas, no setor metalmeccânico, que tem entre a Serra e o Vale do Caí o seu maior polo no Estado – de acordo com o Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul e Região (Simecs), são 4,5 mil empresas, com a geração de 69 mil empregos entre 17 municípios –, a resposta a este alarme já é desenvolvida e coloca a região na vanguarda de tecnologias inovadoras no setor.

Na Randoncorp, por exemplo, foi desenvolvida a chamada Randon Solar. É uma carreta frigorífica com refrigeração elétrica a partir de painéis solares instalados sobre o veículo, que atualmente já roda em fase de testes com alguns clientes da multinacional, que tem origem e a maior parte do seu parque industrial em Caxias do Sul.

“Tudo o que fazemos tem a ver com a busca de respostas às mudanças climáticas. Na empresa, temos a meta de reduzirmos as emissões em 40% até 2030, e só neste ano, com a inauguração da nossa caldeira verde na Fras-le Mobility, já vamos cumprir 20% da meta. Neste ano,



Automação e redução de gasto energético integram as transformações

estimamos já termos cumprido 58% no que compete às ações dentro da fábrica. No chamado escopo 3, que é aquele que não está necessariamente no controle da empresa, todos os nossos esforços têm sido no desenvolvimento de produtos de baixo impacto ambiental. E isso tem aberto mercados para o nosso produto”, garante o CEO da Randoncorp, Sérgio Carvalho.

São projetos que vão desde a carreta elétrica, que tem a pretensão de chegar ao final do ano com 50 unidades vendidas, até o desenvolvimento de materiais compostos com fibras e carbono que reduzam o peso dos veículos. Mais do que garantir redução do consumo de combustíveis e energia, as inovações têm o objetivo de reduzir o desgaste – e portanto, os impactos ambientais – nas rodovias.

“O desafio competitivo hoje

está na ciência dos materiais, na área de nanotecnologia, reprojando peças mais leves, independentemente do motor que vai prevalecer no futuro. Com a carreta modular, por exemplo, eliminamos 75% das soldas. Isso representa uma tonelada a menos no peso do conjunto. E há ainda o nosso sistema Randon Smart, com sensoriamento online para o cliente em relação ao peso, consumo de materiais, alertas sobre o manuseio da carreta na estrada e sobre o desgaste de peças. Inclusive, com indicações georreferenciadas de onde é possível fazer ajustes ou trocas de peças. Isso garante ganho de tempo e menor gasto de energia na operação na estrada”, explica Carvalho.

Mais de 60% dos investimentos da Randon neste ano serão no Rio Grande do Sul, a maior parte em projetos de automação.

Marcopolo já fabrica veículos híbridos e elétricos

A busca da pegada ecológica mais branda tem aberto mercados para a Marcopolo. No primeiro trimestre, a fabricante de ônibus de Caxias do Sul produziu 3,2 mil unidades, garantindo lucro líquido de R\$ 316,9 milhões, alta de 34,1% em relação ao mesmo período de 2023. O crescimento garante hoje à empresa participação em 51,9% do mercado brasileiro de ônibus.

Com produções também no México, Austrália e África do Sul, a empresa da Serra já conta com veículos híbridos, movidos a hidrogênio e elétricos. O Attivi Integral, que é o modelo elétrico

da Marcopolo, por exemplo, foi 100% desenvolvido no Brasil. De acordo com a assessoria de imprensa da empresa, há uma expectativa de ampliação do mercado para os elétricos no País a partir de compras públicas, pelas prefeituras. Por enquanto, já são 1 mil destes veículos desenvolvidos pela empresa de Caxias do Sul rodando, além do Brasil, na Colômbia, Chile, Argentina e Austrália.

Em relação ao veículo movido a hidrogênio, também há desenvolvimento no Brasil, além de modelos produzidos na Austrália e em parceria com montadoras

asiáticas. Por meio de nota, o diretor de Operações Comerciais e Marketing da Marcopolo, Ricardo Portolan, garante que o caminho da descarbonização não se limita aos produtos da montadora, mas principalmente aos seus processos. E isso resulta no reconhecimento do mercado.

Somente com o investimento para garantir energia 100% renovável na produção, entre 2013 e 2023 a empresa calcula ter evitado o lançamento na atmosfera de 38,7 Mt de gases causadores do efeito estufa. O equivalente ao plantio de 1,8 milhão de árvores em 10 anos.

Tramontina aposta em inovação e produtos de baixo impacto

A Tramontina tem fábricas em Carlos Barbosa, Farroupilha e Garibaldi, com as produções de ferramentas e utensílios domésticos. Entre os três municípios, foram exportados pelo menos US\$ 168,4 milhões nos primeiros seis meses deste ano. Resultado, como confirma a empresa por nota de sua assessoria, da recuperação de importantes contratos de exportação que haviam sido prejudicados nos dois últimos anos, gerando um aumento de 10% nas vendas externas no primeiro semestre em relação ao mesmo período de 2023.

A empresa tem origem em Carlos Barbosa, mas também pode ser considerada uma multinacional. Tem atualmente 16 filiais no exterior e, a partir de 2025, tem a perspectiva de iniciar produção na Índia.

A afirmação no mercado, garante o presidente do

Conselho de Administração da Tramontina, Eduardo Scorzozza, está diretamente associada às ações de sustentabilidade e inovação dos seus produtos. Entre os mais recentes lançamentos está, por exemplo, a linha LYF, que é uma coleção de painéis, facas e talheres que, nos seus cabos têm o uso de plástico reciclado e, no restante, aço produzido somente com energia renovável rastreada, e o alumínio excedente de cada produto é reutilizado no próprio processo produtivo.

Conforme a empresa, 93% dos resíduos gerados durante os seus processos produtivos são encaminhados para recuperação energética, reciclagem ou reutilização. E desde 2020, em parceria com a ONG EuReciclo, a Tramontina passou a garantir compensação ambiental de 22% do volume de embalagens colocadas no mercado.

Maiores exportadores da região

A concentração de diversos setores industriais significativos na economia gaúcha reflete-se nos números da exportação. A região concentra 12 dos 50 principais municípios exportadores do Rio Grande do Sul. Somados, eles comercializaram US\$ 923,5 milhões nos primeiros seis meses do ano. O setor metalmeccânico puxa as exportações.

- 📍 Caxias do Sul (9º do RS jan-jun 2024): 39% carrocerias, partes de veículos, reboques; 20% motores e máquinas; 12,5% guarnições de fricção
- 📍 Montenegro (12º do RS jan-jun 2024): 40% tratores, carrocerias, partes de veículos; 14,6% couros; 14% armas de fogo; 10,3% tanantes vegetais
- 📍 Carlos Barbosa (13º do RS jan-jun 2024): 89% ferramentas, utensílios domésticos em metal
- 📍 Bento Gonçalves (26º do RS jan-jun 2024): 57% móveis e partes de móveis; 18,6% sumos de frutas, vinho, massas e pães
- 📍 Nova Prata (28º do RS jan-jun 2024): 77,8% pneus e borrachas
- 📍 Garibaldi (30º do RS jan-jun 2024): 51% rações; 20% ferramentas; 13,5% carnes e miudezas de suínos e aves
- 📍 Farroupilha (34º do RS jan-jun 2024): 46% artefatos domésticos; 16,5% caixas, sacos, bolsas; 8,5% carnes, miudezas e ovos
- 📍 Igrejinha (36º do RS jan-jun 2024): 63,3% calçados e solados; 28,3% roupas
- 📍 Muitos Capões (39º do RS jan-jun 2024): 100% derivados de soja
- 📍 São Sebastião do Caí (42º do RS jan-jun 2024): 92,9% carnes e miudezas
- 📍 Flores da Cunha (46º do RS jan-jun 2024): 28,2% partes de móveis; 20,7% vinhos e álcool; 20% guindastes e máquinas; 18,2% acessórios automotivos
- 📍 Veranópolis (50º do RS jan-jun 2024): 76% derivados de soja; 12% armas de fogo